

Ci, Mãe do Mato: o mito das amazonas às avessas em Macunaíma e o projeto modernista

Elisangela Redel¹

Mário de Andrade, Koch-Grünberg uma coletânea de mitos

DEUS FEZ O MUNDO EM SEIS DIAS e no sétimo descansou. Coincidência da criação? *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* também foi feito em seis dias, conta Mário de Andrade a Alceu de Amoroso Lima, em carta de 19 de maio de 1928:

Macunaíma não. Resolvi escrever, porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch-Grünberg percebi que *Macunaíma* era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei ... Sei que botei dois dias depois pra chakra dum tio em Araraquara levando só os livros indispensáveis pra criação seguir como eu queria e zás, escrevi feito doido [...]. *Seis dias e o livro estava completo.*²

Se o processo de escrita de *Macunaíma* aconteceu em apenas seis dias, as leituras e pesquisas necessárias para a sua criação necessitaram, sem dúvidas, de muito mais tempo, comenta Telê Ancona Porto Lopez, organizadora da célebre edição crítica de *Macunaíma*. Segundo a autora, Mário trabalhava com fichas, feitas com páginas de caderninhos de bolso, nas quais anotava os assuntos de seu interesse e as enumerava, justamente para ter fácil acesso às obras e fontes que aproveitaria em seus trabalhos. Uma vez que estes estavam publicados, os originais dos textos, manuscritos e materiais de apoio eram destruídos. Mas, com *Macunaíma*, foi diferente, pois Mário “guardou de lembrança o que chamaria de ‘originais’, isto é, uma pasta contendo as folhas-capas, os índices, as duas primeiras páginas de cada versão e os dois prefácios”³.

Mário deixou-nos um grande legado. Atualmente, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), a biblioteca do escritor conta com 17.624 volumes, constituídos por livros, periódicos, opúsculos, plaquetas e partituras, e também guarda extensa marginália, 99% dela a grafite⁴. Em suas estantes, a biblioteca abriga o arquivo da criação literária Márioandradiana, cujas matrizes explícitas estão materializadas nas anotações marginais, nas entrelinhas, espaços das margens e nos prototextos, e as implícitas em títulos e autores na

¹ Professora Colaboradora de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutoranda em Letras (Língua e Literatura Alemã) pela Universidade de São Paulo (USP).

² ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição Crítica Telê Porto Ancona Lopez (coordenadora). Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle; Brasília, DF: CNPq, 1978, p. 257 – grifo nosso. Neste texto, as citações referentes à rapsódia *Macunaíma*, bem como todas as correspondências citadas foram retiradas dessa edição crítica.

³ *Ibidem*, p. 20.

⁴ LOPEZ, Telê Ancona. O *Macunaíma* de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética. São Paulo, n. 24, 2013, pp. 151-161.

biblioteca, correspondências ativas e passivas, diários, memórias e crônicas⁵. Em se tratando especificamente dos documentos epistolares, no arquivo do escritor, entre 1989 e 2003, por meio dos projetos de organização e difusão da série *Correspondência de Mário de Andrade*, no IEB⁶, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Telê Ancona Lopez, foram quantificados em 7.796 documentos, respectivamente 7.070 documentos de correspondência passiva, 588 de correspondência ativa e 138 de correspondência de terceiros sob a custódia de Mário de Andrade⁷.

A biblioteca de Mário de Andrade é, portanto, de profunda importância para entendermos e verificarmos, por exemplo, as apropriações críticas que o autor fez de outros textos. É desta perspectiva que gostaria de lidar, neste trabalho, com a representação Márioandradiana do mito⁸ das Amazonas em *Macunaíma*, valendo-me de algumas correspondências, que são entendidas aqui como legado cultural, paratexto, engrenagem da própria ficção e laboratório de trabalho⁹. Uma vez que as cartas podem auxiliar no processo de análise dos estudos literários¹⁰, penso nelas aqui mais como fonte, do que objeto de estudo, embora tem-se consciência da necessidade de leitura atenta e minuciosa destas cartas. Compartilho da ideia de que “não parece haver motivos para excluir de um estudo interpretativo dados disponíveis em manuscritos, cartas e edições críticas. Aliar as interpretações à pesquisa em arquivos pressupõe, portanto, a possibilidade de integrar diversas dimensões do que chamamos “literatura”, sem eleger uma delas como absoluta”¹¹. Não esquecendo, no entanto, que a carta é o lugar da sinceridade, mas também da manipulação, do convencimento e, sobretudo, da encenação¹². É preciso cautela, porque a carta é um palimpsesto: linguisticamente, ela se equilibra entre o dito e o não dito e, por isso, não se pode entrar armado na análise da correspondência.

Pois aí está uma das especificidades do gênero epistolar como instrumento genético: a carta pertence naturalmente à “exogênese” – um documento exterior ao “dossier de arquivos” [...] – mas pertence também à gênese escrita e comentada, à “gênese em diálogo” e em colaboração. Portanto, às vezes temos que desconfiar da gênese ‘exibicionista’, mais ou menos inventada e encenada...¹³

⁵ Ibidem.

⁶ O Catálogo da série *Correspondência de Mário de Andrade – Edição eletrônica* está disponível no site www.ieb.usp.br e traz informações, dados, materiais, artigos e ensaios de grande relevância sobre as cartas do conjunto.

⁷ MORAES, Marcos Antonio. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, Assis, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009.

⁸ Definição de mito: “O mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ela relata de que modo algo foi produzido e começou a ser [...]”. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 11.

⁹ DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” *Manuscrita: revista de Crítica Genética*. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética; Humanitas, 2007, n.15, p. 119-162.

¹⁰ MORAES, Marcos, Op. Cit., p.116: “Na teoria e nos estudos literários, a carta/texto tanto pode ser ‘material auxiliar’, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escritura na qual habita a ‘literariedade’”.

¹¹ SOETHE, Paulo Astor; PEREZ, Juliana Pasquarelli. A Letra e a voz: pesquisa documental e discursividade em literatura. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p. 24-42, jul./dez. 2007.

¹² DIAZ, José-Luis, Op. Cit.

¹³ Ibidem, p. 125.

Retomando nosso escritor, do pai e do avô ele herdou o gosto pela leitura, mas o desejo de conhecer o Brasil tornou-se sua própria inclinação¹⁴. No grupo modernista paulistano, Mário vinculará às vanguardas europeias a arte de seu povo¹⁵, que implicará a universalização da cultura nacional brasileira e a ruptura da referência europeia. A busca pela “nossa brasilidade” estava ideologicamente atrelada ao movimento antropofágico de deglutição dos valores estrangeiros, de (re)descoberta da cultura brasileira e de revelação de seu caráter nacional¹⁶. O que os modernistas de 22 fizeram foi uma subversão das tradições europeias, a “digestão” das influências recebidas, que passaram a ser devolvidas de forma crítica à sociedade. Não estava em questão negar as outras culturas, dado o positivo diálogo que há entre elas. No entanto, o Brasil já tinha as bases necessárias para desprender-se do domínio do modelo europeu: “comer”, deglutir e reescrever este modelo. Para tanto, era necessário, pois, construir uma nova identidade nacional, começando pelo resgate das raízes históricas do país, projeto este já iniciado pelos românticos ao longo do Segundo Império.

Foi assim que, a partir de 1924, ao projetar esta literatura moderna, e percebendo a necessidade de um mergulho nas profundezas do seu país, Mário de Andrade se aproxima do índio por meio dos estudos etnológicos. Mas, a despeito da preocupação em refletir a essência nacional, a atenção de Mário sobre o folclore, a mitologia, a literatura oral foi despertada pelas conferências de Afonso Arinos, na Sociedade de Cultura Artística, na capital paulista, em 1915, conforme Lopez¹⁷ afirma ter sido descoberto pelo trabalho de Ricardo Souza de Carvalho, em *O sequestro da dona ausente de Mário de Andrade* (2003).

No tocante aos estudos etnológicos, chamou-me a atenção saber como Mário de Andrade chegou aos textos do pesquisador alemão Theodor Koch-Grünberg, configurando um interessante espaço produtivo, científico e intercultural, obra em que a cultura brasileira tornou-se o elemento mediador de um país ao outro. Foi o historiador Paulo Prado, discípulo de Capistrano de Abreu, que entre 1924-1928 orientou os escritores daquela época em relação à História do Brasil, indicando a leitura da obra de seu mestre, segundo Lopez¹⁸. Paulo Prado descobriu, entre 1925-26, o Koch-Grünberg nas páginas de Capistrano de Abreu, e indicou a leitura de *Vom Roraima zum Orinoco* ao amigo Mário, em cuja biblioteca, segundo ainda Lopez¹⁹, encontram-se o volume I, do prelo de Dietrich Reimer, em Berlim, 1917; os volumes 3 e 5, de 1923, editados na cidade de Stuttgart por Streckerund Schröder, que também produziram o segundo, publicado em 1924.

Mário leu em alemão e fez anotações neste segundo volume da obra de Koch-Grünberg, sobre mitos e lendas dos índios Taulipang e Arekuna, em 1926. A gratidão de Mário a Paulo Prado aparecerá na folha-capa do manuscrito de *Macunaíma* em sua versão “definitiva”, na qual escreverá sua primeira dedicatória: “A Paulo Prado/ a José de Alencar pai-de-vivo que brilha no vasto campo do céu”²⁰. Além disso, havia um vínculo de amizade e consideração entre Mário e Paulo, como mostra a tese de Aguiar²¹, *Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências*, em que ela analisa especialmente as cartas que Paulo Prado remeteu a Mário de

¹⁴ LOPEZ, Telê Ancona, Op. Cit.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

¹⁷ LOPEZ, Telê Ancona, Op. Cit.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ ANDRADE, Mário, Op. Cit., p. 16 – introdução.

²¹ AGUIAR, Isabel Cristina Domingues. *Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências*. 151f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.

Andrade entre os anos de 1926 e 1936. Estas missivas fazem parte do catálogo de *Correspondência passiva de Mário de Andrade*, reunida pelo IEB, que não autoriza sua reprodução, segundo a autora, que realizou no local a transcrição mecânica desses documentos. Por isso, menciono apenas que em uma das cartas de Prado, de agosto de 1928, ele chegou a fazer considerações sobre a publicação de *Macunaíma*, que o livro estava muito bom e certamente faria sucesso.

O trabalho de Koch-Grünberg, então indicado por Paulo Prado a Mário, repercutiu para além das fronteiras da Antropologia e da Etnologia, de modo que Lopez²² mantém a hipótese de que seu nome tenha sido proferido na roda dos modernistas da Pauliceia, no período de 1924-1928. Sua obra, àquela época naturalmente ainda não traduzida, serviu de material de pesquisa sobre a cultura brasileira e inspiração à produção literária de dois romancistas de renome do século XX: além de Mário de Andrade, em *Macunaíma*, também a Alfred Döblin (1878-1957), escritor alemão/judeu e poeta ligado ao Expressionismo alemão, que escreveu a trilogia Sul-americana *Amazonas*, composta por *Das Land ohne Tod* (Terra sem morte), de 1937, *Der Blaue Tiger* (O tigre azul), de 1938, e *Der neue Urwald* (A nova Selva), de 1947. Apesar dos mitos, presentes no primeiro volume da trilogia, Döblin teria, também, encontrado parte deles no segundo volume da obra de Theodor Koch-Grünberg, que o romancista leu, durante seu exílio, na Biblioteca Nacional de Paris, onde também encontrou, por casualidade, atlas, mapas e etnografias ilustradas do território amazônico²³. Isto implica considerar, a meu ver, a existência de um *Zeitgeist*, um espírito de época, intelectual e cultural, voltado aos estudos etnológicos e à retomada do elemento mítico pela ficção; levando-se em conta que Mário de Andrade, Alfred Döblin e Koch-Grünberg estão inseridos praticamente em um mesmo contexto temporal de produção: os dois primeiros volumes de *Amazonas* são de 1937 e 1938, a obra de Mário de Andrade é de 1928, e a de Koch-Grünberg foi publicada entre 1917 e 1928.

Nesta ordem de considerações, o aprofundamento que Mário buscava sobre a cultura brasileira adveio, além das várias viagens que fez pelo interior do Brasil, estando inclusive na Amazônia, do contato que travou com os estudos etnológicos de Koch-Grünberg. É de “lá” que surgirá a personagem principal da rapsódia, Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, apropriado da lenda Makunaíma, dos índios TaulipangArekunás: “o Makunaíma das tribos da Guiana e da Venezuela é um ser perigoso, cheio de malícia e perversidade, tal qual se colhe na leitura da obra etnográfica de Koch-Grünberg [...] que Mário leu, anotou e seguiu de perto em tantos passos da rapsódia”²⁴.

Sendo matriz fecunda da criação de *Macunaíma*, situo brevemente que Theodor Koch-Grünberg (1872-1924). Trata-se de um renomado etnógrafo alemão, explorador da América do Sul, em especial das fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa, e da região amazônica. Ele logo conquistou sólida reputação internacional como etnógrafo, depois de publicar na Alemanha os resultados de sua segunda expedição ao Brasil, durante a qual, segundo Frank²⁵, percorreu os cursos dos principais afluentes dos rios Negro e Japurá, e coletou dados etnográficos, geográficos e linguísticos de grande importância. Das quatro viagens que fez à Amazônia, a primeira aconteceu em meados de 1898 e 1900, a segunda três anos depois, de 1903 a 1905 (tratando-se esta de sua primeira expedição ao noroeste amazônico). Mais tarde, entre

²² LOPEZ, Telê Ancona, Op. Cit.

²³ WERKMEISTER, Sven. De la ilegibilidad de lo ajeno. Lectura mágica y escritura mimética en Alfred Döblin. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* Bogotá, n. 15, julio-diciembre 2012, p. 169-191.

²⁴ ANDRADE, Mário, op. cit., p. 178.

²⁵ FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2005, v. 48, n. 2, p. 559-584.

1911 a 1913, Koch-Grünberg partiu novamente rumo à Amazônia, com o patrocínio do Instituto Baessler de Berlin, a fim de estudar as regiões dos rios Branco e Orinoco, na fronteira com a Venezuela. Pela última e quarta vez, em 1924, a viagem na qual buscava a exploração das nascentes dos rios Orinoco e Negro interrompeu-se de maneira trágica, com o seu falecimento, vítima de malária. O resultado das viagens e pesquisas de Koch-Grünberg foi a publicação de *Vom Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in der Jahren 1911-1913*, na Alemanha, em cinco volumes, no período de 1917 a 1928, hoje considerada de grande importância para a etnografia da Amazônia e dos povos de língua Karib.

A inspiração de *Macunaíma* em *Vom Roraima zum Orinoco* trouxe a Mário acusações de plágio. Entre os autores reconhecidos como suas fontes, Mário atribuiu maior importância a Koch-Grünberg, de cuja obra aproveitou personagens e partes das narrativas indígenas, apropriadas e reencenadas em seu texto de ficção, *Macunaíma*. Transcrevo abaixo um trecho da crônica *A Raimundo Moraes*, publicada no *Diário Nacional*, em 20 de setembro de 1931, em que Mário confessa, ironicamente, que copiou, não apenas Koch-Grünberg, mas a todos.

Foi lendo de fato o genial etnógrafo alemão que me veio a ideia de fazer do *Macunaíma* um herói, não do “romance” no sentido literário da palavra, mas de “romance” no sentido folclórico do termo. Como o sr. vê, não tenho mérito nenhum nisso, mas apenas a circunstância ocasional de, num país onde todos dançam e nem Spix e Matius, nem Schlichhorst, nem von dem Steinen estão traduzidos, eu dançar menos e curiosar nas bibliotecas gastando o meu troco miudinho, miudinho, de alemão. Porém *Macunaíma* era um ser apenas do extremo norte e sucedia que a minha preocupação rapsódica era um bocado mais que esses limites. Ora, coincidindo essa preocupação com conhecer intimamente um Teschauer, um Barbosa Rodrigues, um Hartt, um Roquete Pinto e mais umas três centenas de cantadores do Brasil, dum e de outro fui tirando tudo o que me interessava. [...]

*Copiei, sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr., na cena da Boiúna. Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa. Isso era inevitável, pois que o meu... isto é, o herói de Koch-Grünberg, estava com pretensões a escrever um português de lei. O sr. poderá me contradizer afirmando que no estudo etnográfico do alemão, *Macunaíma* jamais teria pretensões a escrever um português de lei. Concordo, mas nem isso é invenção minha pois que é uma pretensão copiada de 99 por cento dos brasileiros! Dos brasileiros alfabetizados [...].²⁶*

Como Mário afirma, em tom zombeteiro, humor este que também encontraremos em *Macunaíma*, enquanto os brasileiros estavam a “dançar”, ele vasculhava bibliotecas em buscados cantadores do Brasil, cujas vozes ecoarão na rapsódia, numa agregação harmônica, diabólica e

²⁶ ANDRADE, Mário, op. cit., p. 322.

genuína de elementos, que farão *referência* ao povo brasileiro, sua expressão e caráter. No caso do mito das amazonas, veremos que Mário não o copiou tal qual o encontramos na coletânea de mitos e lendas de Koch-Grünberg²⁷. Em *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*²⁸, o mito *Die Amazonen*²⁹ é contado por Taulipang Mayüluaípu, que diz que tais mulheres, – e aqui passo a parafrasear a citação em alemão do mito, em nota de rodapé – sem homens, eram pessoas, nos velhos tempos, mas se transformaram em demônios das montanhas. Antes elas viviam nas montanhas *Ulidžán-tepe*, perto das *Murukútepe*, em Paríma. Mais tarde, a metade delas mudou-se para o outro lado da montanha, no lado oeste do Takutú, e a outra metade permaneceu até hoje na sua antiga residência. Diz o mito ainda que, se um homem entrasse na maloca das amazonas e pedisse permissão para dormir lá, elas deixavam. Depois, os homens deveriam voltar para casa mas, se se nascia um filho, elas o matavam. Apenas as filhas poderiam viver. Além disso, as amazonas eram belas, tinham cabelos longos e faziam todo o trabalho como homens, cuidando da caça, da pesca e das plantações.

Parece-me que desta versão do mito, transcrita pelo etnólogo alemão, Mário teria talvez emprestado apenas alguns detalhes, como a beleza das amazonas e o trabalho que realizavam, “como” homens, mas isso também já encontramos na mitologia grega. Feitas estas considerações, gerais e introdutórias, nas linhas que seguem deter-me-ei na análise do mito das amazonas, em *Macunaíma*, representadas na figura da rainha icamiaba Ci, Mãe do Mato, também nome dado ao terceiro capítulo da rapsódia.

Ci, mãe do mato: a transfiguração do mito das amazonas em Macunaíma

Pisei nos calos você achar descosido o Ci Mãe do Mato que acho e sempre achei o melhor do livro. Veja como são as coisas!... Até quis dar um jeito pra colocar coisas dele mais pro fim de tão boas que achava elas [...]. Quanto a achar descosido, não entendo. O capítulo tem sequência perfeitamente lógica. Macunaíma vadiando pelos matos do norte topa com a rainha das icamiabas, consegue conquistá-la e vencê-la. Vira imperador, porque ela é imperatriz. Príncipe consorte. Vem o filho e morre por causa da Cobra Preta. Vira Guaraná. Ci de desgosto de mãe vai

²⁷ A figura de Ci é decalcada na de Ceoya, do romance de 1925, do médico Gastão Cruls, *Amazônia misteriosa*, o que seria interessante ser comparativamente analisado, em outro momento. LIMA, Simone de Souza. *Amazônia Babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos*. Série Acadêmica. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014

²⁸ KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913 – Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*. Band 2. Stuttgart: Verlag Strecker und Schröder, 1924.

²⁹ “*Ulidžán* die Weiber ohne Männer, waren in alter Zeit Leute. Jetzt sind sie verwandelt in Mauari (Bergdämonen). Früher bewohnten sie das Gebirge *Ulidžán-tepe*, nahe bei dem Gebirge *Murukútepe* am *Paríma*. *. Später zog die Hälfte von ihnen nach einem anderen Gebirge auf der östlichen Seite des *Takutú*. Die andere Hälfte blieb bis auf den heutigen Tag in ihrem alten Wohnsitz. — Wenn ein Mann in ihre Maloka kommt und um die Erlaubnis bittet, dort zu schlafen, lassen sie ihn bei sich schlafen. Sie haben an ihren Hängematten *Kewei*, Klappern aus Fruchtschalen, hängen. 5 Wenn eine mit dem Manne den Beischlaf vollzieht, so klappert es, damit die anderen Weiber Bescheid wissen. Danach lassen sie die Männer wieder heimgehen. Wird dann ein Sohn geboren, so töten sie ihn. Nur die Töchter lassen sie leben und ziehen sie auf. Wenn eines von den Weibern alt wird, töten und begraben sie es. Sie sind nicht verheiratet. Sie sind sehr schön und haben lange Haare. Sie tun alle Arbeit wie ein Mann, machen Pflanzungen, jagen und fischen”. Ibidem, p. 124.

pro céu. Porém Macunaíma preso pelo feitiço da rede tecida com os cabelos de Ci, nunca poderá esquecer dela. Não podendo mais de sodade e sem mulher pra brincar (as icamiabas são sistematicamente virgens tanto que Jiguê um mulhereiro não consegue moçar nenhuma) parte também, porque é fraco.³⁰

Ao meu ver, Ci, Mãe do Mato, é quem determina o rumo de toda a história e, por isso, não seria equivocado dizer que ela configura-se uma das personagens mais importantes da trama. Nesta carta a Manuel Bandeira, datada provavelmente de 1927, Mário revela ao amigo que considerava Ci, Mãe do Mato, uma das melhores partes de seu livro, a propósito da crítica que Manu lhe fez, chamando o mito de descosido, isto é, incoerente e desconexo. Por outro lado, a atenção desprendida por Mário ao mito das amazonas na rapsódia não pode ser gratuita, dados os efeitos de sentido que ele provoca na narrativa, como veremos a seguir.

Depois da morte da mãe, Macunaíma e seus irmãos Maanapê e Jiguê deixam o Uraricoera e partem para São Paulo. É no trajeto para a grande cidade que o herói encontra Ci, a mãe do mato, a imperatriz das icamiabas:

Já Vei estava farta de tanto guascar o lombo dos três manos quando légua e meia adiante Macunaíma escoteiro topou com uma cunhã dormindo. Era Ci, Mãe do Mato. Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias Espelho da Lua, coada pelo Nhamundá. A cunhã era linda com o corpo chupado pelos vícios, colorido com jenipapo.³¹

O que chama a atenção na descrição que o herói faz de Ci é que ele a reconheceu como pertencente à tribo de “mulheres sozinhas” por meio de um traço físico, o “peito seco destro”, ou seja, pela ausência do seio direito, o que faz alusão às amazonas guerreiras da mitologia grega. Segundo o *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*³², amazona [*Amadzón* Ἀμαζόν] seria um vocábulo mais empregado em sua forma plural [*Amadzónes* Ἀμαζόνες], amazonas, e corresponderia, de acordo com uma interpretação etimológica popular, a mulheres privadas de seios, já que o [a] da palavra [*Amadzón*] faz a negação, e [*madzós* μαζός] significa seio. Ainda segundo o dicionário mencionado, esta versão de que as mulheres guerreiras, amazonas amputavam o seio direito para manejar com maior habilidade o arco e a flecha é bastante falaciosa, visto que este fato não foi confirmado pela iconografia, em que, aliás, elas aparecem com ambos os seios e portadoras de extrema beleza³³. Dessa forma, o traço físico apontado por Macunaíma em Ci, Mãe do Mato, não é gratuito, porque ele expõe propositalmente uma contradição: no momento em que as vanguardas questionavam a supremacia do Ocidente, por que Mário se vale de uma versão ocidental do mito das amazonas, enraizado na tradição europeia?

Depois deste primeiro encontro entre a virgem do mato e o herói, este, por tanto gostar de “brincar” com as cunhãs, se atira por cima de Ci para brincar com ela também.

³⁰ ANDRADE, Mário, op. cit., p. 250.

³¹ Ibidem, p. 21.

³² BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

³³ Neste sentido, Brandão (1991) aponta que há hipóteses de que [*Amadzónes*] proveria do nome de uma tribo iraniana, [*ha-mazan*], que neste caso denotaria “guerreiros”. Afora estas duas versões, há ainda outras etimologias propostas para a palavra amazonas.

O herói se atirou por cima dela para brincar. Ci não queria. Fez lança de flecha tridente enquanto Macunaíma puxava da pajeú [...]. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. A icamiaba não tinha nem um arranhãozinho e cada gesto que fazia era mais sangue no corpo do herói soltando berros formidandos que diminuía de medo os corpos dos passarinhos. Afinal, se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos [...].³⁴

Aicamiaba sai, portanto, da briga, sem nenhum arranhão. Já o herói só escapa porque, fazendo jus à sua malandragem, pede ajuda aos irmãos. Nesta luta entre Ci e Macunaíma o que está sendo enfatizado é a agressividade e violência da Mãe do Mato para manter sua castidade, características estas marcantes das amazonas na mitologia grega³⁵. Nesta, elas eram mulheres destemidas e belicosas, boas arqueiras e montadoras de cavalos. Elas tinham como deusa protetora Ártemis, “a arqueira virgem, com quem as filhas do deus da guerra têm muito em comum, sobretudo por sua vocação de guerreiras e caçadoras”³⁶.

Entretanto, se em um primeiro momento Mário enraíza o mito das amazonas na tradição europeia, logo na sequência ele é subvertido e desenraizado, perdendo seus elementos tradicionais. Ao contrário das amazonas do mito grego, de eliminar e substituir os homens, a rainha icamiaba, após lutar duramente com Macunaíma, torna-se sua companheira, e o herói o novo Imperador do Mato-Virgem. Mário de Andrade se apropria do mito das amazonas de forma “antropofágica”, pois ao “degluti-lo”, encerra um fundo original ao mesmo.

Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco. E a icamiaba caiu sem auxílio nas samambaias da serrapulheira. Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem.³⁷

O fato de a icamiaba perder sua castidade à força é interpretado por Lima³⁸ pelo viés da violência e do estupro e, alegoricamente, como processo de conquista da Amazônia, através da presença de “corpos estranhos” em suas territorialidades, as quais o colonizador europeu vem tomar posse e renomear. Portanto, para a autora, não seria apenas o corpo de Cia ser colonizado, mas todo o território brasileiro. Ao dominar a icamiaba, que passa a viver com Macunaíma, a narrativa modernista de Mário subverte um traço muito importante da tradição clássica ocidental do mito, que é a gestão política matriarcal adotada pelas mulheres lendárias. Ao designar a

³⁴ ANDRADE, Mário, op. cit., p. 21.

³⁵ Tais mulheres guerreiras aparecem citadas em grande número de mitologias da antiga Grécia e de outros povos. Na mitologia elas eram filhas de Ares, o deus da guerra, e da ninfa Harmonia. Elas fundaram um reino belicoso, composto quase que exclusivamente por mulheres, “que habitavam os píncaros do Cáucaso ou a Trácia, o Ponto Euxino ou ainda a Cítia ou a Lídia”. BRANDÃO, Junito de Souza, op. cit., p. 58.

³⁶ Ibidem, p. 59.

³⁷ Ibidem, p. 22.

³⁸ LIMA, Simone de Souza, Op. Cit.

Macunaíma o papel de Imperador do Mato Virgem, Mário reescreve o mito às avessas, pois, da perspectiva mitológica grega, os homens que porventura existissem no território das amazonas, afirma Brandão³⁹, eram empregados em trabalhos servis, na condição de escravos, ou eram mortos.

Estando as amazonas entre as criaturas selvagens que povoaram o imaginário e a memória coletivos europeu, essa versão clássica do mito também será mantida ao ser “transladada”, reiterando termo usado por Rojas Mix⁴⁰, para o Novo Mundo, ou seja, a colonização e exploração da América fez com que ele fosse relocado e reatualizado no novo continente, onde foi confrontado e fundiu-se com a própria mitologia indígena. Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do Paraíso*⁴¹, afirma que diversos mitos que estavam presentes na tradição literária e no imaginário do Velho Mundo vieram a se “tornar realidade”, pois se constituíram nas ferramentas usadas pelos conquistadores para interpretar e denominar as terras descobertas, tão diferentes da realidade europeia.

[...] presos como se achavam aqueles homens, em sua generalidade, a concepções nitidamente medievais, pode supor-se que, em face das terras recém-descobertas, cuidassem reconhecer, com os próprios olhos, o que em sua memória se estampara das paisagens de sonhos descritas em tantos livros e que, pela constante reiteração dos mesmos pormenores, já deviam pertencer a uma fantasia coletiva.⁴²

São muitos os conquistadores e cronistas que se referiram ao mito das mulheres guerreiras, conhecidas pelos índios por *coniuquiarias*, mas associadas pelos europeus às amazonas da mitologia grega. Depois de Colombo, seguiram-se Américo Vespuccio, Pedro Mártir de Angleria, Oviedo, Herrera, Carvajal, Walter Raleigh e outros mais, segundo Rojas Mix⁴³. Não obstante, foi a obra de Gaspar de Carvajal⁴⁴ que popularizou e difundiu por primeiro o relato sobre a presença de amazonas no Brasil. No trecho a seguir, descrito por ele, percebe-se que a mesma característica das amazonas da Antiguidade, de matar e guerrear contra os homens, se faz presente no caso das *coniuquiarias* indígenas: “A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam”⁴⁵.

³⁹ BRANDÃO, Junito de Souza, Op. Cit.

⁴⁰ ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: mitos de legitimación de la conquista? In: *América Latina, palabra, literaria e cultura*. Vol. I. São Paulo: Campinas, 1993.

⁴¹ HOLANDA, Sergio Buarque. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

⁴² Ibidem, p. 170.

⁴³ ROJAS MIX, Miguel, Op. Cit.

⁴⁴ Em 1541, Gonzalo Pizarro organizou uma expedição pioneira à América do Sul, tendo Francisco Orellana como seu tenente. Àquela época, o Peru era governado por Francisco Pizarro – irmão de Gonçalo – que encarregou seu irmão Gonçalo Pizarro para atravessar todo o rio Amazonas, partindo dos Andes (Quito) em direção do Atlântico, e encontrar o El Dorado (o mítico humano que se vestia de ouro em pó) e a Terra da Canela. A caravana foi dividida e Orellana, de posse de uma única embarcação, desceu o rio com seu grupo, no qual estava o Frei Gaspar de Carvajal. REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

⁴⁵ CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso; ACUÑA, Cristobal de. *Descobrimientos do rio Amazonas*. Trad. C. de Melo Leitão. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1941, p. 66.

Perante o desconhecido, as lendas da Antiguidade, que circulavam no Renascimento europeu, foram provavelmente resgatadas e relocadas para o Novo Mundo. Nesse sentido, o mito clássico das amazonas foi relativamente respeitado ao ser introduzido na América, com exceção de sua imagem, que passou a ser a de uma mulher guerreira, nua, de arco e flecha, transformada posteriormente em alegoria do Novo Mundo, como mostra o mapa de Theodor de Bry, de 1599, em que a amazona aparece ao lado de outras monstruosidades⁴⁶.

Além disso, da mesma forma que as amazonas da mitologia grega, as *coniupuiaras* também mantinham relações sexuais apenas esporadicamente com homens de povos vizinhos ou estrangeiros, a fim de perpetuarem e fortificarem sua comunidade:

[...] Perguntou-lhe o capitão se estas mulheres pariam. Disse o índio que sim. Perguntou o capitão como, não sendo casadas, nem residindo homens com elas, emprenhavam. Ele disse que estas índias coabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal [...].⁴⁷

Na mitologia grega, esse traço em relação às relações sexuais eventuais das amazonas é bastante claro, pois era em razão da necessidade da presença masculina para perpetuar e tornar maior e mais forte a sua comunidade que elas se entregavam uma vez ao ano a estrangeiros, menciona Brandão⁴⁸. Ou seja, elas fundaram seu próprio reino, governavam a si próprias e não permitiam em sua sociedade a presença de varões. Na versão coletada por Koch-Grünberg⁴⁹, as amazonas também mantêm relações com homens para perpetuarem sua tribo, mas não se casam ou unem a eles. Neste ponto, portanto, Mário de Andrade não segue, propositalmente, a lógica de as amazonas serem sozinhas e de os companheiros não poderem permanecer no convívio da tribo, pois Ci, Mãe do Mato, ao ser dominada pelo herói Macunaíma, com a ajuda dos manos, se junta a ele em uma união estável, até o dia de sua morte. Indo mais além, a sexualidade moderada das amazonas no mito tradicional é substituída, na escrita Márioandradiana, por uma perspectiva totalmente inversa que, por meio do exagero do gosto da icamiaba por sexo, parece querer ridicularizar os “vícios” brasileiros. Aliás, tais vícios já são ridicularizados no primeiro contato do herói com Ci, Mãe do Mato, pois além do peito destro, ela tinha o corpo “chupado por vícios”, disse o herói.

De noite Ci chegava rescendendo resina de pau, sangrando das brigas e trepava na rede que ela mesmo tecera com fios de cabelo. Os dois brincavam e riam um para o outro [...]. Porém a Mãe do Mato inda não estava satisfeita não e com um jeito de rede que enlaçava os dois convidava o companheiro pra mais brinquedo. Morto de soneira, infernizado, Macunaíma brincava para não desmentir a fama só [...]. Mas Ci queria brincar inda mais... Convidava convidava ... o herói ferrado no

⁴⁶ ROJAS MIX, Miguel, Op. Cit.

⁴⁷ CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso; ACUÑA, Cristobal de, Op. Cit., p. 66.

⁴⁸ BRANDÃO, Junito de Souza, Op. Cit.

⁴⁹ KOCH-GRÜNBERG, Theodor, Op. Cit.

sono. Então a Mãe do Mato pegava na txara e cotucava o companheiro. Macunaíma se acordava dando grandes gargalhadas estorcegando de cócegas [...] E brincavam mais outra vez.⁵⁰

Conceber como sátira a leitura que Mário faz do mito das amazonas é, neste texto, uma leitura pessoal, visto que a interpretação que Mário fará de *Macunaíma* será modificada e ressignificada ao longo do tempo, conforme o engajamento assumindo pelo autor e em consonância com as mudanças radicais operadas na cultura brasileira àquela época⁵¹. Assim, por exemplo, se em carta a Carlos Drummond de Andrade, de 20 de fevereiro de 1927, Mário admite a dimensão simbólica presente em *Macunaíma*, em 7 de novembro do mesmo ano, em carta a Manuel Bandeira, Mário dirá que o herói Macunaíma não é o símbolo do brasileiro. Ou seja, há um discurso instável em relação ao modo como Mário compreende a narrativa. Em relação ao caráter satírico da rapsódia, em 19 de maio de 1928, a Alceu Amoroso Lima, Mário afirmará que não teve intenção de fazer sátira em *Macunaíma*, e que nem seria capaz de o fazê-lo, ideia esta que será contestada dois meses depois, do mesmo ano, quando Mário afirma a Augusto Meyer que a rapsódia lhe parece uma sátira perversa.

Nesse sentido, ao invés de respostas sobre se Macunaíma é símbolo, ou não é símbolo, se ele é sátira, ou não é sátira, as cartas trazem diferentes modos de ler a rapsódia, pois não há como pensar esta obra enquanto discurso fechado, visto que ela é relativamente aberta em seus significados, dos quais nem todos Mário quis ou conseguiu abarcar⁵².

O fundo predominantemente sexual que encontramos no terceiro capítulo da rapsódia, na relação entre o herói e a icamiaba, parece ter sido sugerido pelo amigo Manu, como indica a carta de Mário a Manuel Bandeira, datada de sete de novembro de 1927: “Onde você me despertou bem a crítica e resolvi fazer que nem você fala é no caso de Ci. Vou fazer um capítulo só pros amores dela. O resto passa pra outro capítulo. Essa crítica foi uma revelação luminosa nesta carta. Vai melhorar enormemente o caso. [...]”⁵³. Quase dez meses depois, então no ano de 1928, em outra carta ao amigo, Mário comentará sobre o que acrescentou no capítulo sobre Ci Mãe do Mato, sobretudo em relação às “safadezas” dela:

Me esqueci: de fato o capítulo sobre Ci Mãe do Mato, aumentei por conselho de você. Se lembre que você me falou que pela importância que Ci tinha no livro os brinquedos com ela estavam desimportantes por demais. Então matutei no caso achei que você tinha razão e todas aquelas safadezas vieram então. Ficaram engraçadas, não tem dúvida, porém já arrependi de escrever as três f... na rede. Estou convencido que exagerei. Devia ter sido mais discreto e não deformar exagerando daquele jeito as coisas que escutei da rapaziada do norte. Sobretudo devia ser mais esfumaçado e mais metafórico que nem fiz [...].⁵⁴

⁵⁰ ANDRADE, Mário, Op. Cit, p. 22.

⁵¹ Explicação crítica feita pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, na disciplina *A Correspondência de Mário de Andrade como “Arquivo da Criação” Literária*, ministrada em 2015, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

⁵² Explicação crítica feita pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, na disciplina *A Correspondência de Mário de Andrade como “Arquivo da Criação” Literária*, ministrada em 2015, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

⁵³ *Ibidem*, p. 244.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 262.

Aqui, vemos uma perspectiva produtiva de aproveitamento das cartas, pois trazem uma experiência mais ampla em termos de potencialidade de interpretação da obra de Mário e configuram-se em laboratório de trabalho. Ambas as cartas, de Mário a Manu, registram e testemunham o processo de criação de *Macunaíma*, mais especificamente de seu terceiro capítulo, sobre Ci, Mãe do Mato, que se modifica por meio da interação e do diálogo entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Isto reflete, além do caráter interpessoal da carta, que torna público o privado e lança na sociedade o indivíduo⁵⁵, uma intensa sociabilidade intelectual da vanguarda brasileira. Assim, “ao arquivar correspondências de amigos e críticos que tratam de seus textos, artigos em jornais contendo críticas sobre seus livros, o escritor preserva uma fonte inesgotável de paratextos, que ajudam a entender a produção e recepção de sua obra”⁵⁶. Por outro lado, o trabalho com a correspondência, quando o escritor vai contar o seu processo de criação literária, implica questões espinhosas, pois além das possibilidades de leitura que ela oferece, a carta faz-nos pensar nos limites desta abordagem. A carta tangencia, portanto, entre matéria fecunda e terreno movediço.

De volta à rapsódia, nem bem seis meses haviam passado, e Ci havia parido um filho. Na mitologia grega, dos filhos que nasciam, as amazonas só conservariam os do sexo feminino, sendo que os meninos eram emasculados, mutilados, cegados⁵⁷, ou ainda mortos ou devolvidos aos pais. Já as crianças do sexo feminino eram criadas com zelo pelas mães, que as treinavam em práticas agrícolas, na caça e nas artes da guerra. As *cuniupuiaras* descritas por Carvajal também cultivavam os mesmos costumes em relação ao nascimento de um filho homem: “[...] e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra”⁵⁸. Vemos a mesma versão em Koch-Grünberg, apenas as filhas das amazonas eram conservadas e criadas com zelo pelas mães, já os filhos homens eram sacrificados. Contudo, Ci, Mãe do Mato, não sacrifica seu filho, conforme prevê o mito tradicional, ou seja, a icamiaba não nega a criação e o amor por ele, o que implica mais um elemento desconstruído pela rapsódia modernista:

Nem bem seis meses passaram e a Mãe do Mato pariu um filho encarnado [...] Todas as icamiabas queriam bem o menino encarnado e no primeiro banho dele puseram todas as joias da tribo para que o pequeno fosse rico sempre. [...] Todos agora só matutavam no pequerrucho. Mandaram buscar pra ele em São Paulo os famosos sapatinhos de lã tricotados por dona Ana Francisca de Almeida Morais [...]. Vida feliz, era bom!...⁵⁹

O filho de Macunaíma, no entanto, morre ao chupar o peito de Ci, envenenado pela cobra preta. “Então chegou a cobra preta e tanto que chupou o único peito vivo de Ci que não deixou nem o apoio. E como Jiguê não conseguira moçar nenhuma das Icamiabas o curumim sem ama chupou o peito da mãe no outro dia, chupou mais, deu um suspiro envenenado e morreu”⁶⁰.

⁵⁵ NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

⁵⁶ SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 148.

⁵⁷ BRANDÃO, Junito de Souza, Op. Cit.

⁵⁸ CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso; ACUÑA, Cristobal de, Op. Cit., p. 66.

⁵⁹ ANDRADE, Mário, Op. Cit, p. 23-24.

⁶⁰ Ibidem, p. 23.

Depois disso, a companheira de Macunaíma lhe dá uma muiraquitã famosa e sobe ao céu por um cipó, transformando-se em uma estrela, a Beta de Centauro. O herói se despede da tribo de índias sem marido, mas, em luta com o monstro Capei, acaba perdendo sua muiraquitã, que vai parar nas mãos de um rico italiano, morador de São Paulo, chamado Venceslau Pietro Pietra. E assim se iniciam as aventuras do herói e seus irmãos em busca da muiraquitã perdida.

(Des)construções do mito das amazonas em Macunaíma e o projeto nacionalista

Talvez possamos dizer que o mito das amazonas é reescrito, subvertido, desautomatizado na escrita Márioandradiana, porque recebe outros rumos e elementos que distorcem suas características fundantes; em *Macunaíma*, Mário empresta à icamiaba brasileira um fundo sexual, imoral e carnal: ela torna-se mulher perversa, que vive sua beleza e sensualidade; ela perde sua característica belicosa, se entrega arrebatadamente aos prazeres do amor junto ao herói, e se alegra com a vinda de um filho, que por sinal é homem. Ou seja, ou fato de a amazona, na mitologia ocidental, sacrificar o filho nascido homem e não permitir a presença de varões em sua tribo, se perde na rapsódia modernista, que segue seu processo de transmutação de sentidos, ao questionar e reescrever o mito das amazonas sob uma perspectiva nacional. Tal “assimilação”, feita por Mário, está inscrita no projeto estético e ideológico modernista, “renega a cópia e busca transposição adequada, a transformação”⁶¹. Essa assimilação crítica está diretamente ligada à necessidade de independência cultural em seu discurso nacionalista e modernista – que encontramos de forma embrionária em *Pauliceia Desvairada*, e que também aparecerá em *Amar, Verbo Intransitivo* e *Clã de Jabuti*, sendo sua expressão maior *Macunaíma* –, mas também ressoa elementos do Expressionismo alemão⁶², de cuja vanguarda Mário será influenciado no reconhecimento do mito primitivo:

No Expressionismo alemão Mário teria, por exemplo, encontrado uma acepção de primitivo interessada no reconhecimento do mito e na compreensão de uma outra lógica independente da aristotélica, lógica rica em sua *poiesis* em sua linguagem. Em termos de Brasil, a transposição seria o conhecimento específico da cultura popular e da cultura do índio, tentando perceber sua forma de pensar, de sentir e de criar, embora informado por uma determinada acepção de “caráter nacional”, vigente então.⁶³

Desta perspectiva, ao assimilar criticamente o mito das amazonas, incorporando a ele as “deficiências” do brasileiro, mas também a influência positiva de culturas primitivas, não estaria Mário questionando os padrões de canonização, o “modelo” e, assim, favorecendo o projeto de *abrasileiramento* da literatura? Esta interpretação é hipotética, porque a rapsódia de Mário traz uma mobilidade hermenêutica muito grande, que implica ambivalências e contradições, e exige do leitor muita cautela nas suas interpretações. *Macunaíma* apresenta várias camadas, e esta primeira, que é a da narrativa, configura a superfície, apenas. A outra camada, mais profunda, em

⁶¹ Ibidem, introdução/XLI.

⁶² Sobre o assunto, ver: LOPEZ, Vivian Caroline. *Traços do Expressionismo alemão em Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

⁶³ ANDRADE, Mário, Op. Cit, introdução/XLI.

que o romance está embasado, remete a um discurso paralelo, produzido por meio de alusões e subentendidos, os quais transcendem a vontade do autor, desarmam o leitor e o colocam em terreno profundamente movediço e instável.

Sobre esse caráter demasiadamente “aberto” da rapsódia, Mário escreve em 1943, nas *Notas Diárias*, comentando sobre o capítulo Vei, a Sol: “[...] Francamente às vezes até me chateia, mais frequentemente me assusta, a versidade de intençõeszinhas, de subentendidos, de alusões, de símbolos que dispersei no livro. Talvez eu devesse escrever no livro, pelo menos ensaio, *Ao Lado de Macunaíma*, comentando tudo o que botei nele. Até sem querer! [...]”⁶⁴. Em certa medida, as cartas funcionam como discurso “ao lado de”, um livro do livro, uma dimensão paralela da obra, pois elas revelam o esforço do autor de trazer à luz aquilo que foi posto como intenção, embora exigem que se pense o tempo todo nos seus limites de interpretação.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Isabel Cristina Domingues. *Paulo Prado e a Semana de Arte Moderna: ensaios e correspondências*. 151f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014.
- ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição Crítica Telê Porto Ancona Lopez (coordenadora). Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XX siècle; Brasília, DF: CNPq, 1978.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso; ACUÑA, Cristobal de. *Descobrimientos do rio Amazonas*. Trad. C. de Melo Leitão. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1941. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/descobrimientos-do-rio-das-amazonas/pagina/13>>. Acesso em: 2 dez. 2015.
- DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” (trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia IanniBarsalini). *Manuscrita: revista de Crítica Genética*. São Paulo: Associação de Pesquisadores de Crítica Genética; Humanitas, 2007, n. 15, p. 119-162.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FRANK, Erwin H. Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2005, v. 48, n. 2, p. 559-584.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913 – Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer*. Band 2. Stuttgart: Verlag Strecker und Schröder, 1924.
- LIMA, Simone de Souza. *Amazônia Babel: línguas, ficção, margens, nomadismos e resíduos utópicos*. Série Acadêmica. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

⁶⁴ Ibidem, p. 325.

LOPEZ, Telê Ancona. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*. n. 24, 2013, pp.151-161.

MORAES, Marcos Antonio. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, Assis, v.4, n.2, p. 115-128, jun. 2009.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: mitos de legitimación de la conquista? In: *América Latina, palavra, literatura e cultura*. Vol. I. São Paulo: Campinas, 1993.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOETHE, Paulo Astor; PEREZ, Juliana Pasquarelli. A Letra e a voz: pesquisa documental e discursividade em literatura. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.21, p. 24-42, jul./dez. 2007.

WERKMEISTER, Sven. De la ilegibilidad de lo ajeno. Lectura mágica y escritura mimética en Alfred Döblin. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* Bogotá, n. 15, julio-diciembre 2012, p. 169-191.

Recebido em: 2 de fevereiro de 2016

Aprovado em: 22 de abril de 2016